

ANÁLISE DA RELAÇÃO DE PODER COMO MARCADOR SOCIAL COM BASE NO CONTO O ESPELHO, DE MACHADO DE ASSIS

ANALYSIS OF THE POWER RELATIONSHIP AS A SOCIAL MARKER BASED ON THE SHORT STORY O ESPELHO, BY MACHADO DE ASSIS

Michael Costa¹
Saraí Schmidt²

Resumo

O presente artigo versa sobre a relação de poder e a identidade nacional presentes na obra de Machado de Assis, marcadores sociais na cultura brasileira. A partir do conto O Espelho, busca-se analisar a forma como este binômio aparece no texto e como traços da sociedade brasiliense são representados a partir de tal narrativa. Com base nos estudos de Raymundo Faoro (2001) e de Sérgio Buarque de Holanda (1995), este estudo utiliza como método de pesquisa a análise de discurso com intuito de refletir sobre a forma como a literatura retrata comportamentos, muitas vezes rejeitados pela população, ao construir as suas histórias e personagens. O texto tem como corpus o trecho onde o personagem Alferes entra em conflito com a sua imagem refletida no espelho, o que permite um aprofundamento da discussão em torno da relação de poder, um elemento que integra a identidade do corpo social brasileiro.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Literatura. Sociedade Brasileira.

Abstract

This article deals with the relationship of power and national identity present in the work of Machado de Assis, social markers in Brazilian culture. Based on the short story O Espelho, we seek to analyze the way in which this binomial appears in the text and how traces of the society of Brasilia are represented from this narrative. Based on studies by Raymundo Faoro

¹ Jornalista, Mestre e doutorando em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, na linha de linguagem e processos comunicacionais. Foi bolsista de Extensão do Projeto Nosso Bairro em Pauta (2012-2014) da mesma instituição, onde desenvolveu noções sobre Comunicação Comunitária e Cidadã. Integrante do Grupo de Pesquisa Criança na Mídia (Feevale). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2991667549799283>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9865-013X> e e-mail: michael@feevale.br.

² Jornalista, Mestre e Doutora em Educação na linha dos Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente dos Programas de Pós-Graduação Processos e Manifestações Culturais e Inclusão Social e Diversidade Cultural da Universidade Feevale. Coordena o grupo Criança na Mídia: Núcleo de Estudos em Comunicação, Educação e Cultura com diretório no CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8995332160303604>, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8795-3100> e e-mail: saraischmidt@feevale.br.

(2001) and Sérgio Buarque de Holanda (1995), this study uses discourse analysis as a research method in order to reflect on how the literature portrays behaviors, which are often rejected by the population, when building your stories and characters. The text has as its corpus the passage where the character Ensign comes into conflict with his image reflected in the mirror, which allows for a deepening of the discussion around the power relationship, an element that integrates the identity of the Brazilian social body.

Keywords: Culture. Identity. Literature. Brazilian Society.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre a relação de poder e a identidade nacional presentes na obra de Machado de Assis, marcadores sociais na cultura brasileira. A partir do conto *O Espelho*, busca-se analisar a forma como este binômio aparece no texto e como traços da sociedade brasiliense são representados a partir de tal narrativa. Com base nos estudos de Raymundo Faoro (2001) e de Sérgio Buarque de Holanda (1995), este estudo utiliza como método de pesquisa a análise de discurso com intuito de refletir sobre a forma como a literatura retrata comportamentos da população canarina, muitas vezes rejeitados por ela, ao construir as suas histórias e personagens. O texto tem como corpus o trecho onde o personagem Alferes entra em conflito com a sua imagem no espelho, o que permite um aprofundamento da discussão em torno da relação de poder, um elemento que integra, entre muitos, a identidade do corpo social brasileiro. Discutir a sociedade brasileira na contemporaneidade, e em qualquer momento de sua história, é uma tarefa complexa. Afinal, a construção da nação deu-se diante de situações que envolveram projetos malsucedidos e visões distorcidas sobre o território que chegou a ser definido como o paraíso terrestre³ no momento da dita descoberta do país. É possível dizer que o brasileiro sabe pouco sobre a sua própria história. E o que sabe, aprendeu através de narrativas que não correspondem à realidade dos fatos. Graças a esse processo, de relatar uma história que já começa desconsiderando a população original, por exemplo, a construção da civilização brasileira aconteceu de forma muito exótica e, conseqüentemente, resultou em uma série de questões que se estendem até os dias atuais. Diferentes estudiosos vão considerar que a identidade canarina é sem crítica e sem contexto. E que o perigo disso está, justamente, na maneira como essa sociedade lida com as suas próprias questões e sua história.

³ Sérgio Buarque de Holanda trata disso em sua obra *A visão do Paraíso*, publicada pela primeira vez no ano de 1959.

Se a construção de um corpo coletivo se dá a partir do processo de transmissão de mensagens, essas foram fundamentais na elaboração de conceitos que estão presentes na sociedade brasileira e que são permanências de pensamento vindas desde o tempo da chegada dos europeus ao Brasil. Entretanto, a literatura tupiniquim traz contribuições significativas para uma melhor compreensão em torno de elementos que fazem parte do comportamento da nação, como as escritas de Machado de Assis – um dos escritores de grande relevância do país. A historiografia revela diferentes visões de “ser brasileiro”, em obras que, ora buscam entender como se deu a formação da nossa sociedade, ora representam – através de personagens, como são as pessoas que vivem no país. Algumas dessas foram revolucionárias em seu tempo, enquanto outras acabaram sendo confrontadas por autores que viriam a pesquisar os fenômenos culturais no Brasil. Diante disso, é primordial destacar a importância da literatura como uma forma de analisar e pensar sobre a identidade brasileira, considerando que as memórias despontam em diferentes épocas e formas, muitas vezes, ajustadas a um sistema e até produzidas contra o sistema.

Através do confronto do personagem Alferes com o reflexo de sua própria imagem em *O Espelho*, de Machado de Assis, este estudo objetiva analisar a representação da relação de poder na sociedade brasileira por meio da literatura. Além disso, busca-se refletir a respeito da forma como essa questão integra a identidade da nação, com intuito de pensar como esse traço é um marcador presente na identidade nacional.

2 METODOLOGIA

Para poder realizar a análise do corpus desta pesquisa, esse artigo está estruturado com base em um estudo de natureza básica com objetivo explicativo. Utilizou-se como procedimento técnico para a elaboração do conhecimento o método bibliográfico e abordagem qualitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013), fazendo uso das contribuições de Faoro (2001) e Holanda (1995), a fim de discutir a cultura brasileira e a formação social do país.

A partir da leitura do texto foi possível identificar elementos que tratam da posse de poder e a relação desta com o sujeito, algo que representa um traço marcante presente na identidade brasileira. Apesar de todo o texto possibilitar reflexões a respeito da relação de poder, escolheu-se realizar essa análise a partir do momento em que, ao permanecer sozinho na propriedade de sua tia Marcolina, o Sr. Alferes entra em confronto com a própria existência e recorre ao reflexo de sua imagem no espelho com intuito de buscar pela

identidade perdida. A dualidade das personas que habitam a sua existência, chamadas por ele de alma interior e alma exterior, vem à tona de forma profunda e permite que, com base nessa passagem, identifique-se como se dá a questão do poderio na sociedade brasileira. Dessa forma, buscou-se analisar expressões cruciais em frases do recorte escolhido que indicam a questão do poder, bem como elementos descritos na narrativa que contribuam para a construção deste pensamento.

Em uma segunda fase, foram extraídas do trecho expressões, palavras e termos que correspondem ao significado de poder, ao mesmo tempo em que representassem uma ameaça à perda do poderio – ou ainda à ausência do mesmo, associando uma posição de inferioridade ao Sr. Alferes. O quadro abaixo apresenta quais foram as expressões, palavras e termos identificados no recorte e ao que elas foram associadas:

Quadro 1 – Posse do poder na narrativas

Nome	Associação
Espelho	Ambígua
Fardava orgulhosamente	Poder
Me chamavam alferes	Poder
Tenente	Poder
Capitão	Poder
Major	Poder
Alma exterior	Poder
Farda de alferes	Poder
Defunto andando	Ausência de poder
Sonâmbulo	Ausência de poder
Boneco mecânico	Ausência de poder
Alma interior	Ausência de poder

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A aproximação com os dados coletados nessa fase da pesquisa, faz parte do processo que integra o método qualitativo, permitindo um aprofundamento da análise e ampliando a interpretação dos dados. Sobre essa técnica de pesquisa é possível dizer que:

Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Depois de coletar e atribuir presença e ausência de poder na palavras, expressões e termos mapeados no texto, os materiais foram classificados a partir de categorias ou subgrupos:

- **Dono do poder:** coloca o personagem em um papel de superioridade, onde ele possui o poder e isso impacta diretamente na forma como ele se enxerga.
- **Subalterno:** caracteriza a ausência de poder, onde o personagem aparece em um papel de inferior, modificando a visão dele sobre si.
- **Dualidade:** o poder aparece de forma ambígua ou neutra em relação ao personagem.

O trecho analisado permite verificar que a narrativa carrega uma dicotomia entre possuir e não possuir o poder. Algo que aparece de maneira muito clara a partir do mapeamento das expressões, palavras e termos empregados na obra de Machado de Assis. As recorrências colaboram para a percepção de tal questão e permitem refletir sobre o assunto:

Quadro 2 – Palavras e suas relações no trecho

Categoria	Quantidade
Dono do Poder	7
Subalterno	4
Dualidade	1

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Ao que se refere a quantidade de ocorrências, é possível perceber que a categoria **Dono do Poder** é a que apresenta a maior quantidade de recorrências. Apesar do subgrupo **Subalterno** aparecer com menor frequência, a sua presença é extremamente relevante pois destaca a autoridade desse atributo para o personagem. Ou seja, a ausência de poder aparece como forma de legitimar a importância de possuí-lo. Por sua vez, a categoria **Dualidade** tem uma única recorrência e representa o espelho enquanto um elemento ambíguo na narrativa, uma vez que ele surge ora eliminando a imagem construída pela alma externa, ora fortalecendo-a quando o Sr. Alferes veste a farda. Na fase de análise, foram extraídos do texto três passagens pertencentes ao recorte que trazem palavras integrantes das categorias deste artigo, com o intuito de aprofundar o olhar para as mensagens e representações presentes no corpus.

Desse modo, é importante destacar que a categorização das expressões, palavras e termos teve papel fundamental para a análise, pois contribuiu para a observação do texto e a forma como a narrativa descreve um elemento vigente na sociedade brasileira, permitindo pensar sobre como o patrimonialismo é algo que impactou o corpo social no passado, mas ainda segue como uma problemática na contemporaneidade.

3 ANÁLISE

Criou-se no imaginário coletivo a ideia de que o povo brasileiro tem a cordialidade como traço principal de sua identidade cultural. Todavia, é importante pensar sobre qual identidade é essa e como ela se reflete na cultura da nação. Ao lançar a segunda edição de *Raízes do Brasil*, no ano de 1948, Sérgio Buarque de Holanda vai recorrer às notas de rodapé (informação verbal)⁴ afim de justificar o uso frequente da palavra cordialidade, explicando que essa foi interpretada equivocadamente como um adjetivo. Contudo, a sua presença surge como definição de um traço da identidade no país. Um conceito que seria algo prejudicial no desenvolvimento da sociedade brasileira e que não corresponde apenas à ideia de cordial, no sentido de ser avesso a conflitos.

Ao tratar da temática identidade no 2º Ciclo de Conferências da Academia Brasileira de Letras, o historiador Carlos Guilherme Mota vai dizer que “já perdemos a inocência do mito, mas ainda não somos profissionais da utopia” (informação verbal)⁵, em citação ao acadêmico Candido Mendes de Almeida. Com isso, Mota (2018) objetiva discutir o problema da presença da identidade refletida dentro do processo social e como se dá o referencial da identidade, do ser no mundo, a sua sequência e a sua memória. Nesse sentido, pode-se recorrer aos símbolos da pátria, conhecidos (e reconhecidos), no mundo – e pela própria nação brasileira, como marcas do Brasil. Mas que país é esse? É a nação do futebol, do carnaval e das belas paisagens – essas identificadas pelos europeus como o Jardim do Éden no “descobrimento” do Brasil, bem como tratou Holanda (2000) em *Visão do Paraíso*. Tais símbolos fazem parte da identidade brasileira, caricaturada na maioria das vezes como um

⁴ Comentário produzido pela historiadora Lilia Schwarcz em entrevista para a Revista Veja. Educação, 10 de dez. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/videos/clube-do-livro/raizes-do-brasil-80-anosde-um-classico/>>. Acesso em: 20 de nov. 2020.

⁵ 2º Ciclo | Identidade em questão: Identidade e História – Academia Brasileira de Letras. 14 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jQ3ib1tpFig>>. Acesso em: 29 de set. 2020.

caldeirão cultural, mas que desconsidera tantos outros elementos como símbolos que integram a formação da identidade do país.

Essas questões vão de encontro ao que Sérgio Buarque de Holanda (1995) conceituou como cordialidade, tomando como exemplo a relação do povo brasileiro com o estado e com os políticos. Diante de diferentes problemáticas do país, a população exime-se da responsabilidade e coloca a culpa nos governantes, considerando não pertencer a essa mesma população – o bovarismo brasileiro aparece aqui e em muitos marcadores culturais da sociedade brasileira. A antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz aponta este fenômeno como uma consequência da colonização violenta no país e pela imposição de valores e modelos culturais europeus sobre a população nativa. Entre muitos exemplos, Schwarcz (1998, p. 34) traz a implementação da monarquia como um dos fatores que colabora para a constituição do comportamento bovarista. Para a autora, o uso estratégico e instrumental da imagem do rei na época – figura de poder e autoridade, trouxe “uma representação de porte nacional, por meio da oficialização e proliferação de rituais, [...], já na releitura das festas populares o que está presente é a imagem mítica do rei [...] sagrado e religioso que nesse sentido não tem data nem lugar”.

Foram os modelos e valores culturais estrangeiros, considerados mais avançados e modernos do que os valores e modelos nacionais, que contribuíram para a formação de uma cultura de submissão e de desvalorização da cultura e da história nacional. Dessa forma, pode-se pensar sobre esse não reconhecimento do povo brasileiro em sua própria terra. Diferentes estudiosos vão considerar que a identidade brasileira é sem crítica e sem contexto. E o perigo disso está, justamente, na maneira como essa sociedade lida com as suas próprias questões e enxerga a si própria. Lima Barreto, outro grande escritor brasileiro, critica o bovarismo brasileiro e seus efeitos negativos sobre a sociedade e a cultura brasileira. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, obra publicada originalmente no ano de 1915, o escritor descreve os efeitos negativos do bovarismo, refletindo que “a falta de patriotismo criou entre nós, brasileiros, uma série de falsas necessidades e uma crítica deplorável do que é nosso, a tal ponto que se encontra quem prefira falar em francês ou em inglês, porque acha a nossa língua pobre ou insuficiente (BARRETO, 2003, p. 73)”.

Com base na coleta obtida a partir da fase preliminar de análise, foi possível constatar que o conto de Machado de Assis retrata uma questão que está enraizada na nação desde os primórdios da formação social brasileira. De acordo com Raymundo Faoro (2001), o sistema político do Brasil está estruturado a partir do patrimonialismo, onde o estado tem as suas

decisões comandadas pela burguesia e baseado em vontades pessoais. O autor ainda contribui dizendo que as mesmas classes sociais estão no poder há anos, seria possível dizer séculos, e que isso cria um sistema onde os mesmos sujeitos assumem o poder e não o soltam, passando para seus filhos, que, por sua vez, passam aos seus e assim consequentemente. A carta de Nomeação de Tomé de Souza, presente na obra de Faoro (2001), trata a respeito:

Ordena o soberano, sem meias palavras, aos capitães e governadores que obedeçam, "e cumpram, e façam o que lhes o dito Tomé de Sousa de minha parte requerer e mandar, segundo forma dos regimentos e provisões minhas, que para isso leva, e lhe ao diante forem enviadas sem embargo de pelas doações por mim feitas aos capitães das ditas terras do Brasil lhes ter concedido que nas terras das ditas capitánias não entrem em tempo algum corregedor nem alçada, nem outras algumas justiças para nelas usarem de jurisdição alguma por nenhuma via ou modo que seja, nem menos sejam os ditos capitães suspensos de suas capitánias e jurisdições delas". (FAORO, 2001, p. 168).

A partir da contribuição de Raymundo Faoro, percebe-se que o patronato atua no país desde o Brasil Colônia. Pode-se considerar que a relação do poderio se deu desde a chegada dos europeus às terras tupiniquins e essa questão colabora, efetivamente, na formação de pensamento em torno dessa questão e como ela impacta a sociedade. Para os “descobridores”, e ainda hoje um pensamento que permanece como herança, é de que o Brasil passa a existir somente a partir das narrativas descritas pelos portugueses sobre a chegada em solo tropical, desconsiderando a existência (cultural, religiosa e social), dos povos que já habitavam essa terra. Na formação da nação, houve um projeto de pátria e de qual seria a população na colônia. Tal projeto não incluía os indígenas que aqui viviam, muito menos a população negra traficada ao país para o trabalho escravo. O objetivo era transformar o Brasil em uma sociedade aos moldes europeus. Todavia, isso não aconteceu e durante o século XIX, estudiosos vão atribuir o atraso da sociedade brasileira a uma série de fatores. Entre eles, a não evolução da civilização como aconteceu na Europa. Criou-se um modelo evolutivo em que grupos passavam de simples a complexos e isso era um processo natural (ORTIZ, 1986).

3.1 Trecho 1: Cargos permanentes

Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver.

Nesse trecho extraído do conto *O Espelho*, Alferes evoca imagens de um sonho onde é reconhecido pelas pessoas de seu convívio como uma figura admirável. Com base nessa narrativa, percebe-se o desejo pelo acúmulo de poder, mesmo que já o detenha. Dessa forma, é possível constatar o que Raymundo Faoro diz sobre a questão da mobilidade social, que carrega em si uma dificuldade de mudança dos possuidores de mando, uma vez que a posição de privilégio e estima restringia-se aos grupos que já integravam o poderio. Ao mesmo modo, essa questão vai de encontro com o fato do patronato fazer uso da governança política às suas próprias vontades, como se fosse sua propriedade, utilizando-se disso para favorecer familiares, amigos e pessoas do seu convívio, mantendo o poder a um seleto grupo que o autor vai definir de patronato político brasileiro (FAORO, 2001).

Como resultado da categorização deste estudo, as expressões “fardava-me orgulhosamente”, “tenente”, “capitão” e “major” estão associadas diretamente ao poder, representando não apenas o desejo em possuí-lo, mas também as tantas possibilidades de mantê-lo, sendo que – uma vez dentro do grupo, dificilmente existiria a possibilidade de romper com a sua permanência e a continuidade estender ia-se aos filhos ou às pessoas do seu círculo. Isso porque, não há a possibilidade de outro agrupamento de poderio na sociedade civil, pois esse estava, e ainda está, centralizado e utilizado sem distinção do que é público e do que é privado.

3.2 Trecho 2: Identidade Distorcida

Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação.

É impossível falar em identidade brasileira sem refletir sobre o que, de fato, significa ser brasileiro e onde está a essência da população do Brasil. Em seus estudos sobre cultura e identidade nacional, Renato Ortiz (1986) vai dizer que intelectuais dessa época explicavam o atraso brasileiro em relação à Europa considerando questões como clima, a fertilidade da terra e o sistema fluvial. Tais elementos seriam fundamentais para justificar essa involução em terras tropicais. Além dos fatores geográficos, ditos meios, a raça também vai contribuir na

elaboração da identidade nacional. Seriam esses dois elementos (meio e raça) os responsáveis pela evolução fora dos moldes europeus, sendo fundamentais na construção da identidade brasileira. Entretanto, é primordial destacar que o patronato político brasileiro também é responsável pelo não desenvolvimento pleno da nação. Isso porque, baseado nos estudos de Faoro (2001) pode-se verificar que a mesma elite burguesa está no poder há séculos e isso vai refletir, diretamente, na construção da sociedade e a forma como o desenvolvimento da sociedade acontece. Conforme observa Maria Sylvia de Carvalho Franco, ao tratar sobre o assunto:

A igualdade mesma sobre a qual esse sistema de dominação se ergueu, teve suas raízes nos fundamentos econômicos de uma sociedade centrada do lucro. Nela, a aquisição de riqueza como objetivo fundamental, a ausência de privilégios juridicamente estabelecidos, a ausência de tradição, fizeram com que a situação econômica se ligasse imediatamente à posição social. Considera-se, também que essa sociedade constituiu-se rapidamente a partir de uma pobreza generalizada, onde a diferenciação social era rudimentar e onde, mesmo depois de acentuadas as diversidades de estilos de vida, manteve-se, entre dominantes e dominados, um trato aparentemente nivelador (FRANCO, 1976, p. 63).

Sendo assim, observa-se que não se trata apenas de uma permanência de poder, trata-se também da desigualdade que esse processo secular desencadeia no país, uma vez que tal sistema não permite que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades, nem o mesmo tratamento de serviços e a equivalência legal em situações de conflito. Logo, é possível considerar que tal fator é determinante no desenvolvimento civil e social do país e isso impacta diretamente na forma como o indivíduo olha para si e a forma como se enxerga enquanto sujeito integrante de um grupo.

Dessa forma, a passagem em que o personagem Alferes encara à imagem diante do reflexo no espelho permite refletir sobre identidade – nessa passagem representada de forma dual, uma vez que a personagem encara o reflexo buscando a alma externa, todavia, depara-se com uma difusão entre uma coisa e outra.

3.3 Trecho 3: De volta ao poder

Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o

espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação.

Diante dessa passagem, percebe-se o impacto que o poder tem e o que ele representa para o sujeito que o possui. No conto *O Espelho*, fica nítido como a sua ausência interfere na forma como a personagem se relaciona com o mundo e como isso vai impactar na maneira como enxerga a si. Conforme refletido anteriormente, a relação com o poderio também vai, de certo modo, influenciar na sociedade, uma vez que esse é administrado com base em vontades particulares e desejos próprios. Enquanto Faoro (2001) conclui que o poder público é utilizado para fins privados e não para o bem coletivo, Sérgio Buarque de Holanda colabora versando que “o Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas de que a família é o melhor exemplo” (HOLANDA, 1995, p. 141). Logo, pode-se considerar que o patrimonialismo está presente desde o início da formação social do país e que ainda assim é algo marcante, e vigente, na civilização brasileira.

Retratada na literatura, essa questão demonstra o quanto estar no comando, liderar e ocupar um papel de superioridade em relação ao outro é um marcador do comportamento coletivo que é utilizado para obter benefícios para si, para familiares e amigos. Ainda que não ocupando esse espaço em determinado momento, o poder se corporifica no coletivo, passando a ser um traço do comportamento social e executado pelos sujeitos nas relações cotidianas. Bem como afirma Darcy Ribeiro ao dizer que “naturalmente, cada patrício enriquecido quer ser patrão e cada patrão aspira às glórias de um mandato que lhe dê, além de riqueza, o poder de determinar o destino alheio” (RIBEIRO, 1995, p. 208).

Com base na descrição desse trecho extraído da narrativa de Machado de Assis, é possível verificar que, ao vestir a farda a personagem toma posse da imagem criada pelos que o cercam e que o legitima a sensação de superioridade. Ao alcançar tal status, Alferes rompe com a possibilidade de pertencer ao grupo subalterno da sociedade, o que lhe aproxima cada vez mais da elite detentora da ordem que integra ainda hoje a nação tupiniquim. Sobre essa a perspectiva de vida social, Ribeiro (1995, p. 2010) aponta:

As classes subalternas são formadas pelos que estão integrados regularmente na vida social, no sistema produtivo e no corpo de consumidores, geralmente sindicalizados. Seu pendore é mais para defender o que já têm e obter mais, do que para transformar a sociedade. O quarto estrato, formado pelas classes oprimidas, é o dos excluídos da vida social, que lutam por ingressar no

sistema de produção e pelo acesso ao mercado. Na verdade, é a este último corpo, apesar de sua natureza inorgânica e cheia de antagonismos, que cabe o papel de renovador da sociedade como combatente da causa de todos os outros explorados e oprimidos. Isso porque só tem perspectivas de integrar a vida social rompendo toda estrutura de classes. Essa configuração de classes antagônicas mas interdependentes organiza-se, de fato, para fazer oposição às classes oprimidas-ontem escravos, hoje subassalariados – em razão do pavor – pânico que infunde a todos a ameaça de uma insurreição social generalizada.

A contribuição do autor auxilia na compreensão em torno da performance dos grupos na hierarquia social. Desse modo, pode-se associar à busca de Alferes pela imagem alma externa no espelho, ao fato de que ele procura pela representação de poder já não refletida no vidro. Essa, perdeu-se no momento em que ele se viu sozinho na casa de sua tia. A ausência de tal alma, corporificada pelo status do cargo que ocupa, coloca em risco a posição de poder, comprometendo a performance diante do grupo social o qual pertence. O reflexo diante do espelho, reflete também uma realidade da sociedade brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES

Ao longo deste estudo foi possível verificar que a identidade brasileira é uma construção que iniciou no processo de colonização do país e que carrega consigo elementos fundamentais que colaboram na formação do pensamento coletivo e que trazem marcadores do comportamento social brasileiro. A questão do poderio aparece no conto representando algo que está enraizado na sociedade canarina. A dominação e a posse do poder são um traço da identidade nacional, representados na narrativa de Machado de Assis a partir da problemática que se desenvolve com a personagem principal da história. O confronto do protagonista com a sua existência se deu apoiado no momento em que ele se encontra sozinho na propriedade de sua tia Marcolina. Com base no recorte analisado, é possível verificar que não é a solidão que cria o conflito na história. O que promove a controversa da narrativa é a ausência do poder atribuído ao Sr. Alferes, a partir da relação com o outro (escravos e tia), que exaltam a sua posição social baseado no cargo de alferes.

De acordo com essa pesquisa, as expressões, palavras e termos empregados no recorte analisado, permitem identificar a relação de poder e o impacto do mesmo no indivíduo, o que, diretamente, possibilita entender como isso influencia na forma como a sociedade reage às

interações com o poderio e como constrói a sua própria visão em torno desse tema, resultando em um comportamento social que vai marcar a sociedade brasileira.

Com base no mapeamento obtido a partir do desenvolvimento deste artigo, é possível destacar a possibilidade de aprofundamento de estudos no campo da cultura, principalmente ao que se refere à relação de poder e a corporificação de comportamentos na sociedade brasileira. Diante do material já coletado, propõem-se dar continuidade na investigação, considerando a ampla possibilidade de desdobramento de discussões nos campos de identidade nacional e formação social do país – abordados de forma breve neste estudo. O mapeamento presente neste artigo permite evidenciar que esse é um tema pouco discutido, mas que impacta em grande proporção a nação brasileira.

Há grande desconhecimento sobre a história do Brasil e pouco se discute sobre como ocorreu a formação da sociedade no país. Além disso, o brasileiro não se reconhece em sua própria terra e está, constantemente, vendo-se em outras culturas. Diferentes estudiosos vão considerar que a identidade brasileira é sem crítica e sem contexto. E o perigo disso está, como dito antes, justamente, na maneira como a essa sociedade lida com as suas próprias questões. Portanto, é relevante destacar que a historiografia revela diferentes visões de “ser brasileiro”, em obras que, ora buscam entender como se deu a formação da sociedade, ora representam – através de personagens, como são as pessoas que vivem no país. Algumas dessas foram revolucionárias em seu tempo, enquanto outras acabaram sendo confrontadas por autores que viriam a pesquisar os fenômenos culturais no Brasil. Um exemplo disso, é a obra de Dante Moreira Leite, *Caráter Nacional Brasileiro* (1954), que reviu toda a mitologia ancorada na obra de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre a respeito do homem cordial, da tristeza brasileira e da democracia racial.

Diante disso, é primordial destacar a importância da literatura como uma forma de analisar e pensar sobre a identidade brasileira, considerando que as memórias despontam em diferentes épocas e formas, muitas vezes ajustadas a um sistema e até produzidas contra o sistema. Por outras palavras, o que a antropóloga Lilia Schwarcz diz no lançamento da edição crítica de *Raízes do Brasil* (2016), ao defender o quanto é importante dar tempo à uma obra, visto que ela dialoga com contextos distintos ao longo do tempo.

Ao que se refere à identidade, memória e história do Brasil, já não cabe mais a visão de que o povo brasileiro, pelas palavras de Sérgio Buarque de Holanda, é “uma periferia sem centro, um povo endomingado”. Todavia, como Carlos Drummond de Andrade, no poema

Hino Nacional, evoca-se o questionamento que assombra a nação verde-amarela: “e por acaso existirão os brasileiros?”.

REFERÊNCIAS

ALEXA. **Top Sites in Brazil**. Califórnia, 2020. Disponível em:

<<https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 17 ed. Ática: São Paulo, 2003.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3 ed. O Globo, 2001.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **As Ideias estão no Lugar**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **A Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale. 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DA REDAÇÃO, Veja. **Raízes do Brasil, 80 anos de um clássico**. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/videos/clube-dolivro/raizes-do-brasil-80-anos-de-um-classico/>>. Acesso em: 29 set. de 2020.

SCHWARCZ, Lilia. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.